

A CONSTITUIÇÃO DA IRONIA NO GÊNERO TIRA: UMA ANÁLISE NO CADERNO EDUCACIONAL

THE IRONY OF THE CONSTITUTION ON THE STRIP GENRE: AN ANALYSIS IN EDUCATIONAL NOTEBOOK

Janete Abreu Holanda

<jneteholanda@hotmail.com>

Doutoranda em Linguística, área de Estudos Linguísticos, PPGL, Universidade Federal de Goiás

Professora na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina

<http://lattes.cnpq.br/7787465705311744>

RESUMO

Propomos uma pesquisa com o gênero tira por acreditarmos que ele possui aspectos diferenciados de outros gêneros, por isso a leitura dele deve ser diferenciada. Nossa grande inquietação é quanto ao processo de ensino de leitura nos livros didáticos com esse gênero. Por isso, achamos necessário saber como os autores, nas atividades sobre leitura, no gênero tira, propõem para o sujeito aluno a compreensão e constituição da ironia. Para analisarmos isso, escolhemos somente um material didático: "Caderno Educacional"/Seduze do quinto ano, porque é nele que encontramos atividades de estudo do nosso objeto de pesquisa. Portanto, pretendemos realizar esta pesquisa, com o intuito maior de apresentar algumas reflexões sobre como é abordado o procedimento irônico nas propostas de leitura do gênero tira nesse material didático. Para fundamentarmos a nossa pesquisa, acreditamos que o referencial teórico de Bakhtin (2003), Brait (1996), Hutcheon (2000), Orlandi (2005/2012) possa contribuir no desenvolvimento do nosso trabalho. Por meio da análise realizada do capítulo sobre tiras, pudemos perceber que os autores acabam fragmentando o que se deve apreender na construção da interpretação das tiras, além disso, o aluno leitor não é levado a perceber, durante a leitura, o seu conhecimento prévio para realizar inferências, relacionar diferentes linguagens do texto, o processo polifônico da linguagem e tirar conclusões na única atividade proposta sobre a ironia.

PALAVRAS-CHAVE: Ironia; Polifonia; Tiras.

ABSTRACT

We propose a survey on gender strip because we believe that it has different aspects from other genres, so its reading should be differentiated. Our great concern is about the reading teaching process in textbooks with this genre. So, we found necessary to know how the authors, the activities of reading, in this gender, propose to subject students to understand and constitution of irony. To analyze this, we choose only one teaching material: "Educational Notebook" / Seduce in the fifth grade, because that's where we find study activities of our research object. Therefore, we intend to conduct this research, with the largest order to present some reflections on how it is approached the ironic procedure in gender reading proposals in this teaching material. To support theoretically our research, we believe that the theoretical framework of the Bakhtin (2003), Brait (1996), Hutcheon (2000), Orlandi (2005/2012) may contribute to the development of our work. Through the analysis of the chapter on strips, we realize that the authors end up fragmenting what to grasp the construction of the interpretation of the strips also the student reader is not taken notice, while reading, their prior knowledge to perform inferences relate different languages of the text, polyphonic process of language and draw conclusions on the only proposed activity on the irony.

KEYWORDS: Irony; Polyphony; strips.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de língua portuguesa (1998), a partir da década de 90, o ensino da Língua Portuguesa enfoca a dimensão discursiva da linguagem, ou seja, a linguagem produzida nas mais variadas situações de interação.

A partir dessa perspectiva, remontam desse modo, à noção de gênero bakhtiniana, segundo a qual, as mais “variadas esferas de atividade humana” permitem a existência de “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003).

Diante dessa realidade, vários livros didáticos introduzem os gêneros¹ como objeto de ensino da Língua Portuguesa.

Em 2013, a Secretaria de Estado, Cultura e Esporte Educação (SEDUCE)² do Estado de Goiás elaborou e distribuiu para todas as unidades de ensino público um material didático de língua portuguesa, denominado “Cadernos Educacionais”, contendo o estudo da Língua Portuguesa com abordagem nos gêneros discursivos.

Acreditamos que um trabalho voltado para o estudo dos gêneros exige a mobilização de uma série de estratégias tanto de ordem linguística como de ordem cognitivo-discursivo.

Para confirmarmos esse aspecto, propomos neste artigo, descrever e analisar as atividades de leitura propostas sobre o gênero tira no material didático intitulado “Caderno Educacional de língua Portuguesa”.

Dessa forma, fica a nós uma dúvida quanto a esse processo de ensino nos livros didáticos com esse gênero. O autor preocupa-se em abordar o modo de produção, circulação e recepção desse gênero? As propostas de leitura de tiras nesse livro apresentam atividades para que o aluno perceba o humor obtido nas tiras é relacionado à intertextualidade e do

¹Estamos tendo como referência a concepção de gênero de Bakhtin, o qual os define como “tipos relativamente estáveis de enunciados ou formas relativamente estáveis e normativas do enunciado” (Bakhtin, 2003, p.163), ou seja, a noção de gênero é vista como enunciado (texto) que possui forma e características próprias, ele se torna “relativamente estável”.

² A Secretaria da Educação do Estado de Goiás, para subsidiar a prática do professor de Língua Portuguesa, em 2013, elaborou e distribuiu, em primeira versão, um material didático denominado “Caderno Educacional” destinado aos alunos e aos professores da rede pública estadual do Ensino Básico de Goiás. Para a sua constituição, privilegia-se o estudo do gênero discursivo, em cada capítulo, como fio condutor para o ensino da Língua Portuguesa.

conhecimento prévio sobre o perfil psicológico dos personagens e do contexto? Será que a proposta de leitura ultrapassa o linguístico?

Para respondermos isso, pretendemos realizar esta pesquisa, com o intuito maior de apresentar algumas reflexões sobre como é abordada a leitura da ironia no gênero tira, nesse material didático.

Além disso, queremos descobrir se as atividades propostas permitem ao sujeito³ leitor perceber,

- a) a polifonia na construção da ironia;
- b) o jogo verbal e o não-verbal para produzir efeitos de ironia;
- c) a desconstrução do sentido, que desequilibra o institucionalizado;

Esclarecemos que o *corpus* escolhido faz parte de uma coleção, a qual possui quatro volumes para cada série, porém selecionamos somente um volume para nossa análise: quinto ano. A escolha desse volume específico foi feita porque somente nele há proposta de estudo do gênero tira. Ressaltamos que analisamos esse gênero devido ao fato de ser um gênero propício para se constituir a ironia- objeto nosso de estudo.

Portanto, nosso intuito maior é apresentar algumas reflexões sobre como é abordado o procedimento irônico nas propostas de leitura do gênero tira nesse material didático.

Como escolhemos observar o gênero tira, acreditamos que o referencial teórico de Bakhtin (2003), Brait (1996), Hutcheon (2000), Orlandi (2012) possa contribuir no desenvolvimento do nosso trabalho.

Portanto, ao verificarmos o caderno educacional do quinto ano, acreditamos que contribuimos com uma metodologia de ensino com esse gênero, o qual precisa ser estudado em sala de forma diferenciada de outros gêneros.

E para alcançarmos o nosso objetivo, é necessário traçarmos uma discussão sobre algumas concepções e noções: concepção de leitura e a construção da ironia.

³Estamos aqui concebendo o sujeito discursivamente. É um sujeito que não controla os efeitos de sent do e ocupa lugares sócio-discursivos, enunciando a partir de regras sociais (regras de poder) específicas a cada situação discursiva.

LEITURA DE TIRAS: ATO ENUNCIATIVO-DISCURSIVO

Nesta pesquisa, percebemos a leitura como um processo de compreensão ativa, que exige uma tomada de posição do sujeito leitor em relação ao discurso (texto) do outro (autor), a fim de analisar suas palavras, confirmá-las, adotá-las, contrariá-las ou criticá-las em constante apreciação valorativa e réplica na relação dialógica que se desdobra durante o processo de leitura. “Quando lemos estamos produzindo sentidos (reproduzindo-os ou transformando-os). Mais do que isso, quando estamos lendo, estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção de sentidos (...)” (ORLANDI, 2012, p. 101).

Nesse sentido, a leitura não é concebida como uma prática de decodificar os signos linguísticos contidos no texto, mas como um processo de construção de sentidos o qual perpassa pela interação: os conhecimentos dos sujeitos leitor e autor. Explicando melhor, o sujeito leitor, ao interagir com o texto e também com o autor, realiza uma atividade dialógica, cooperativa e que envolve atitudes responsivas ativas, no processo de construção de sentidos. O que é a atitude responsiva? Quando o leitor aceita e/ou refuta as informações contidas em um texto, construto bakhtiniano denominado compreensão responsiva ativa (BAKHTIN, 2003). Portanto, é no fato de concordar, refutar ou ampliar a enunciação do outro que o sujeito leitor torna-se responsivo ativo.

Diante de tudo que foi exposto anteriormente, podemos perceber que a constituição dos processos de significação acontece na interação verbal. Porém, esses sentidos não estão de posse nem do autor e nem do leitor. Ou seja, os sentidos são partes de um processo, têm historicidade e passado e se projetam num futuro (ORLANDI, 2012).

Nesse processo de significação, segundo essa autora (2012) há três dimensões, quais sejam: o inteligível, o interpretável e o compreensível.

No processo inteligível, o sujeito leitor precisa apenas decodificar os signos e apenas repete sentidos prontos. No processo interpretável o leitor já atribui um sentido ao texto levando em conta o contexto, ou seja, a semântica interna do texto. E, por fim, o nível da compreensão o leitor ultrapassa o linguístico, pois apreende o sentido regido pela semântica interna do texto, é preciso perceber que este poderia também ser outro.

Desse modo, é preciso compreender as condições de produção (os sujeitos, a ideologia, a memória e as situações) do texto para, então, compreender como pode produzir sentidos.

Segundo Faraco (2009), ideologia indica o universo dos produtos do “espírito humano”, ou seja, cultura imaterial ou produção espiritual. Assim, ideologia abrange um grande universo: a arte, a filosofia, a ciência, religião, ética, política.

Por isso, o dizer orienta-se para o já dito, para uma resposta e para uma heterogeneidade (múltiplas vozes sociais). Pensando essa mesma perspectiva, Orlandi (2012, p. 50) ressalta que a linguagem não é apenas um ato de transmitir uma informação “mas como mediadora (transformadora) entre o homem e sua realidade natural e social, a leitura deve ser considerada no seu aspecto mais consequente, que não é o de mera decodificação, mas o da compreensão”.

Conforme a autora citada acima, o leitor não faz somente um gesto de codificar os elementos linguísticos nas tiras, mas também de estabelecer ligações entre o que é dito e outros enunciados já ditos; perceber o discurso constituindo-se por meio de um discurso anterior para produzir um novo discurso. Logo, deve-se conceber a leitura como processo dialógico e travar uma busca pela compreensão não de enunciações isoladas e monológicas, mas sim de enunciações completas, isto é, de todos os elementos (verbais e extra verbais) constituintes.

Nesta perspectiva, os significados se constroem na interação entre sujeitos - leitor/ autor/ texto - em uma relação dialógica, na qual os sentidos vão se constituindo. Nesse contexto, “o sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, um sentido alheio” (BAKHTIN, 2003, p.368), um sentido outro, revelando- nos novas dimensões.

Entender a leitura dessa forma implica perceber que a construção do sentido do texto depende da ação do leitor sobre a materialidade textual e da mobilização de alguns tipos de conhecimento prévio. De acordo com a AD, o sentido não existe preso nas palavras, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico em que as palavras são produzidas. Assim, as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam.

Orlandi (2012, p. 8) assume uma perspectiva discursiva na reflexão sobre leitura, considerando alguns fatos:

- a) o de se pensar a produção da leitura e, logo, a possibilidade de encará-la como possível de ser trabalhada (se não ensinada);
- b) o de que a leitura, tanto quanto a escrita, faz parte do processo de instauração do(s) sentido(s);

- c) o de que o sujeito-leitor tem suas especificidades e sua história;
- d) o de que tanto o sujeito quanto os sentidos são determinados histórica e ideologicamente;
- e) o fato de que há múltiplos e variados modos de leitura;
- f) finalmente, e de forma particular, a noção de que a nossa vida intelectual está intimamente relacionada aos modos e efeitos de leitura de cada época e segmento social.

De forma resumida, essa reflexão sobre a leitura nos apresenta que a construção de sentidos não é estabelecida só por quem escreve e nem só por quem lê, mas é um jogo interacional: autor/texto/leitor.

Para entender melhor a constituição da ironia no gênero selecionado para análise, apresentamos, a seguir, alguns esclarecimentos sobre o procedimento irônico.

A IRONIA COMO UM RECURSO DISCURSIVO EM TIRAS

Em nossa pesquisa, estamos concebendo a ironia como um recurso linguístico-discursivo. No gênero tira o sujeito autor, ao se inscrever nesse gênero para falar, denuncia, critica, censura com o uso da ironia. Assim, traz à tona o que pode estar sendo encoberto.

A ironia, ao apresentar um ponto de vista, também desqualifica um discurso silenciado. Por meio desse procedimento discursivo, há a constituição do conflito pela enunciação. Quando falamos de conflito, queremos mostrar que o sujeito autor, ao se posicionar em um lugar social em que enuncia, permite desvelar também o que já fora dito em outro momento, mas que fora silenciado.

Brait (1996) afirma que há polifonia na construção da ironia. Explicando melhor, o ironizador, ao produzir uma ironia, apresenta vozes em contradição. Essa autora (1996) ressalta que ironizar é dizer algo, acrescentando uma ideia oposta no mesmo instante em que enuncia. Portanto, o enunciado irônico é uma pluralidade de vozes orientadas nos eixos da contradição. Acreditamos que essa contradição que se dá não é de expressões em si, mas de valores argumentativos que, só podem ser interpretados como o contrário se o leitor tiver com o autor um quadro de valores de referência comum.

Dessa forma, para que haja significação irônica, deve existir um conhecimento compartilhado entre os sujeitos (autor e leitor) no momento da enunciação. A autora também nos esclarece que o sujeito leitor de um discurso irônico tem uma participação ativa, por isso ele

se coloca na condição de coprodutor da significação. Além disso, o conteúdo da ironia é marcado por ideologias do sujeito autor, porém este, ao marcar no enunciado, também abre a participação do sujeito leitor, constituindo-se, assim, a intersubjetividade. Em outras palavras, o sujeito autor tem a vontade de que sua ironia seja percebida e gera no sujeito leitor um gesto de interpretador. Atribuir ironia envolve, assim, inferências tanto semânticas quanto avaliadoras (HUTCHEON, 2000).

Nessa perspectiva, a ironia é uma estratégia que de forma simultânea associa os significados do dito e do pensado (não dito). Dessa forma, quando o sujeito autor usa a ironia não há o comprometimento com que é dito. Mas quem determina se o enunciado é irônico?

Hutcheon (2000) afirma que o sujeito leitor/ouvinte decide se uma elocução é irônica ou não e, ainda, qual o sentido particular que ela, sendo irônica, pode assumir. Diante dessa afirmativa, podemos concluir que a ironia acaba sendo um jogo no qual o sentido é constituído pelo sujeito leitor ao perceber um enunciado dicotômico. Portanto, ele se configura como elemento central, já que deve localizar os aspectos que se encontram, implicitamente, em tensão. Porém, para se realizar a ironia, é indispensável que os sujeitos do discurso tenham referências comuns, partilhem um conjunto de conhecimentos. Mas, nem sempre esses conhecimentos estão assegurados pelo próprio texto – nesse caso, a ironia pode simplesmente não funcionar.

Vale acrescentar que nas tiras há também um jogo de linguagem (verbal e o não-verbal em conjunto) que produz efeito de ironia. Assim, o efeito irônico é possível quando se dão os enunciados verbal e não-verbal concomitantemente.

Diante do que foi exposto, antes de começamos nossa análise, apresentamos brevemente sobre a estrutura e metodologia do Caderno Educacional.

O CADERNO EDUCACIONAL

Para o nosso estudo, como já justificamos na introdução do nosso artigo, escolhemos analisar a proposta de leitura da ironia no gênero tiras, para a qual foram apresentadas dezesseis aulas. Em cada uma há uma abordagem sobre esse gênero em estudo em três etapas: Atividades de levantamento de conhecimento prévio; Ampliação dos conhecimentos sobre o gênero e

Sistematização dos conhecimentos sobre o gênero. Em cada uma dessas etapas, há uma subdivisão: Prática de oralidade, prática de leitura e prática de escrita.

Como nosso objetivo é analisar as propostas de atividades de leitura, no gênero tira, sobre a constituição da ironia, procuramos observar todas as atividades apresentadas na parte “prática de leitura” das dezesseis aulas propostas.

Ao realizarmos a análise, percebemos que quinze tiras foram apresentadas para estudos específicos de determinados conteúdos. A exemplo, vejamos a seguinte tira utilizada como ilustração de atividade de Prática de leitura:

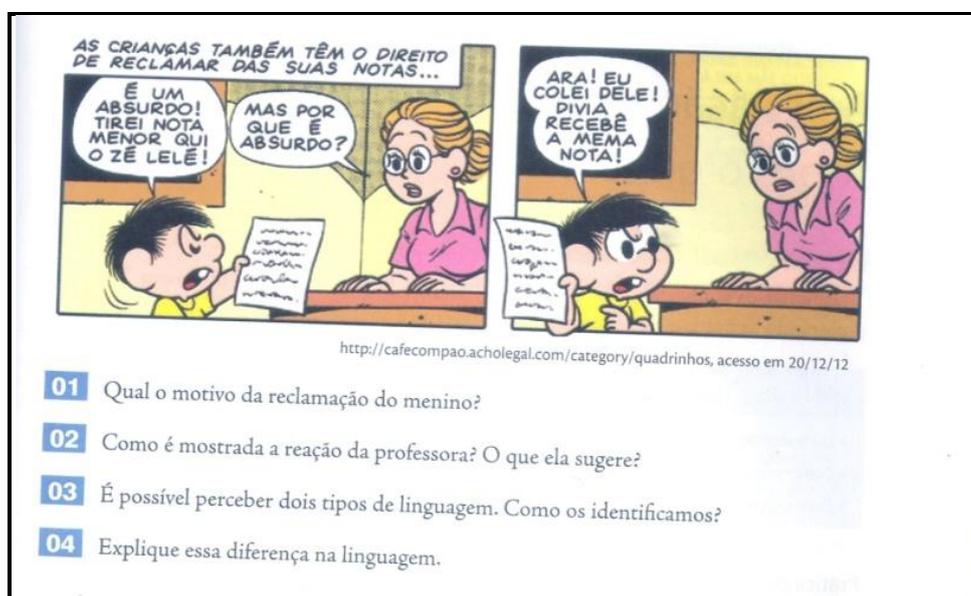


Fig. 1-SEDUCE. Caderno Educacional de Língua Portuguesa 5º ano, Prática de Leitura, 2013.

Conforme o comando para essa aula, o aluno deve compreender o emprego de variantes linguísticas nas tirinhas. Ao observarmos a tira apresentada, podemos inferir que os autores colocam um personagem que usa uma variante estigmatizada. Será que essa tira foi colocada para o aluno poder construir os significados mediados pelo texto em uma relação dialógica? Infelizmente, não podemos responder de forma positiva a essa pergunta, quando observamos as quatro perguntas de “interpretação” da tira. Portanto, essa tira foi utilizada como um pretexto para trabalhar o descritor 19 da Matriz de Referência, o qual também é avaliado na Prova Brasil (D19-Varição linguística). Portanto, essa tira, embora apresente a construção da ironia, é abordada no Caderno apenas como um exemplo ilustrativo de uso de uma variante.

Acreditamos que todas as tiras apresentadas poderiam ser exploradas discursivamente, porém elas são sugeridas somente como pretexto.

Após análise de todas, detectamos que somente uma (aula 46) estava evidenciado o estudo da ironia. Diante dessa constatação, restringimos a nossa análise para somente uma tira.

Após conhecermos um pouco da estrutura e metodologia do Caderno Educacional, analisemos agora a única tira usada para estudar a ironia.

O CADERNO EDUCACIONAL DO 5.º ANO E A IRONIA: UMA ANÁLISE

Voltemos às nossas perguntas de pesquisa: as atividades propostas permitem ao sujeito leitor perceber a polifonia na construção da ironia; o jogo verbal e o não-verbal em conjunto para produzir efeitos de ironia; a desconstrução do sentido, que desequilibra o institucionalizado? Ou seja, como os autores, nas atividades de leitura, no gênero tira, propõem para o sujeito aluno a compreensão e constituição da ironia?

Para respondermos a essa questão, é necessário primeiro conhecermos a sugestão da aula 46, página 138, a seguir.

AULA 46

Ampliação dos conhecimentos sobre o gênero

Objetivo geral

Ampliar os conhecimentos que os estudantes já possuem sobre o Gênero Tirinhas, explorando as práticas de oralidade, leitura, escrita e análise da língua.

O que devo aprender nessa aula

- Ler textos do gênero Tirinhas em diferentes suportes.
- Compreender o sentido global do gênero Tirinhas.
- Compreender os recursos que provocam efeitos de humor e ironia nas tirinhas.

Prática de oralidade

- Que tipo de tirinhas você prefere?
- Você acha que as tirinhas têm outra função além de provocar humor? Qual?
- Como percebemos a diferença entre uma tirinha que tem como função apenas provocar o riso e outras que vão além?
- Você entende o que é ironia?

Conceito

Ironia é um recurso utilizado pelo autor; apresenta duplo sentido, aborda assuntos polêmico; nem a ironia é percebida pelo leitor, pois fica subentendido o sentido do que se diz e este precisa, por parte do leitor, uma reflexão que só poderá acontecer se ele tiver conhecimento de mundo relacionado ao texto. A ironia e o humor caminham lado a lado, provocando o riso.

Prática de leitura

Leia o texto a seguir e responda às questões propostas:

Fig. 2- SEDUCE. Caderno Educacional de Língua Portuguesa 5.º ano, Proposta Inicial da aula 46,2013.

Como podemos observar, no início da aula, é estabelecido o objetivo geral e também a metodologia do estudo que será realizada por quatro caminhos: oralidade, leitura, escrita e análise linguística.

Conforme comando, nessa aula, o aluno deve “compreender os recursos que provocam os efeitos de humor e ironia”. Nesse enunciado, podemos perceber que há uma proposta para aprender a ironia a partir da perspectiva enunciativo-discursiva, pois a ironia é considerada como um efeito. Porém, quando se diz que a ironia é “um recurso utilizado pelo autor” e que ela não é “percebida pelo leitor”, não há uma visão de que o receptor de um discurso irônico tem uma participação ativa na construção desse recurso linguístico. Além disso, não há uma clareza do que seja humor. O que seria caminhar lado a lado? Será que sempre o humor gera o riso?

Essas afirmações iniciais na proposta da aula acabam por confundir e não esclarecer o real procedimento da ironia na tira.

Vejamos, a seguir, a única tira proposta para o estudo da ironia e as perguntas de “leitura” sobre ela:

<http://aescritanasentrelinhas.d3estudio.com.br/?tag=questoes-comentadas>

- 01 A resposta do pai à pergunta do filho foi uma resposta verdadeira?
- 02 O filho conseguiu perceber a intenção do pai? Comprove.
- 03 Por que o pai foi irônico em sua resposta?
- 04 Afinal, quando as pessoas usam a ironia em suas falas?

Fig.3: SEDUCE. Caderno Educacional de Língua Portuguesa 5º ano, Prática de Leitura, 2013.

A figura 3 destaca uma comunicação estabelecida através de um diálogo. Nesse diálogo, são apresentados posicionamentos ideológicos distintos entre as personagens que interagem através da comunicação verbal face a face.

Porém, quando analisamos as perguntas de leitura, percebemos que não há preocupação em considerar o momento da enunciação, as condições de produção do dizer. E, para o sujeito leitor respondê-las, deve fazer relações entre ditos e já ditos.

Aspecto esse bem evidenciado na pergunta número 1. Como ele pode saber se a resposta do pai é verdadeira?

Outro aspecto a ser questionado na elaboração da pergunta número 1 é a determinação das relações sociais dos personagens. Quando o elaborador da pergunta mostra o diálogo é feito entre pai e filho, no texto não há marcas linguísticas possíveis para afirmar isso. Será que não poderia ser uma conversa entre amigos?

Para iniciar a leitura em uma perspectiva discursiva, o aluno, ao responder a primeira pergunta, deve ser levado a perceber o momento histórico a que se remete a situação concreta de enunciação. Ele deve saber que *Hagar*⁴ é uma tira em quadrinhos que retrata o mundo *viking*, cuja temática aborda o cotidiano familiar. Também é necessário que saiba sobre *Hagar*, personagem central que dá nome para a tira. Ele é o pai de *Hamlet*⁵ (um garoto "intelectual" em relação ao resto do grupo, seu nome é inspirado na peça de teatro Hamlet do famoso escritor inglês do século 16, *William Shakespeare*), um guerreiro *viking*.

Com esse conhecimento prévio, o sujeito leitor pode estabelecer relações de ditos e já ditos, percebendo que *Hagar*, mesmo sendo um *viking* guerreiro, rude, gordo, com chifres de boi e um vestuário bem diferente na atualidade, é apresentado com uma inversão de papéis.

Ao responder ao filho no segundo quadro da tira, instaura, ao mesmo tempo, um conflito (a mãe defende a etiqueta) na enunciação: ter ou não ter boas maneiras à mesa. Ao dizer "claro" em uma resposta e "talvez" em outra resposta, cria-se um discurso em contradição, dando a entender que ele não se inscreve neste discurso (ter boas maneiras na mesa), constrói-se, assim, o sentido irônico, então, como uma discordância ao que pensa a sua mulher, *Helga*. Mesmo que

⁴ Ressaltamos que no caderno não há referência ao nome da tira e nem da data de sua publicação.

⁵ *Hamlet*, filho de *Hagar*, nos quadrinhos exerce uma função de questionador, buscando compreender como são as coisas e o motivo delas serem assim. Na sua forma de agir, cria-se uma tensão de dois grupos (novos X velhos).

Hagar discorde de sua mulher, ele possui uma imagem dela. Diante disso, o sujeito leitor pode perceber que o discurso se articula constituindo um embate e ao mesmo tempo uma concordância.

Assim, o efeito humorístico da tira dá-se pelo confronto ideológico, que revela uma crítica à submissão feminina. Para perceber esse efeito, é necessário integrar aspectos multimodais, linguagem verbal e não verbal, além de relacioná-los ao contexto histórico da época em que a tira é produzida.

Conforme o que foi observado, o personagem apresenta uma formação discursiva distinta de sua mulher. Os elementos verbais e não verbais contribuíram para a instauração dos sentidos pretendidos pelo produtor da tira, aspectos que não são visíveis a todos os leitores e podem gerar variadas interpretações, de acordo com a formação discursiva e o conhecimento de mundo de cada um dos leitores dessa tira.

Portanto, para compreender a tira é preciso conhecer os eventos que estavam em curso durante a elaboração desse discurso; é necessário percebê-lo no seu acontecimento, compreender o processo histórico e ideológico em que se deu a produção de acontecimentos.

Nesse sentido, a ironia produzida acaba por exigir um sujeito leitor que tenha o conhecimento de um discurso anterior: é absolutamente impossível a família de *Hagar* receber um convite do rei da Inglaterra. O efeito irônico só pode ser constituído se o leitor fizer relação de um discurso com outro: *Hagar*, enquanto figuração do “machista” e de um *viking* dificilmente teria boas maneiras à mesa.

Assim, por meio do jogo discursivo, a tira mostra o contraste entre dois universos de valores distintos, entre visões de mundo diferentes. Assim, o sujeito leitor/coenunciador precisa retomar de sua memória discursiva saberes que o ajudarão a interpretar e compreender a tira.

O sujeito leitor consegue compreender o que está dito, somente quando ele estabelece relações entre os elementos linguísticos e extralinguísticos. Portanto, a construção de sentido é realizada pelas relações. Só assim o leitor poderá responder o que se perguntou: A resposta do pai foi verdadeira?

Entendemos que a forma como estão sendo conduzidas as questões não é suficiente para o aluno compreender os discursos imersos em uma rede enunciativa. Na proposta de Bakhtin

(2003), a enunciação é considerada como produto da interação social, portanto determinada pelas condições histórico-sociais em que é produzida. Por isso, deve-se considerar o fato de o texto ter sido extraído talvez de um jornal. Que jornal? Quando? Para quê?

Portanto, a leitura e a compreensão de tiras devem ser práticas de fazer relações de diferentes vozes e valores presentes. E esse aspecto é bem evidenciado quando temos os pontos de vistas e posicionamentos em embate na tira em análise: filho X pai; marido X mulher; ter etiqueta X não ter etiqueta; ser machão X não se machão. Revela-se, nesse movimento de sentidos, a dialeticidade da linguagem, possibilitando ao sujeito silenciar e revelar. Esse jogo ideológico entre o dito e o já-dito possibilita o movimento dos sentidos.

Para finalizar nossa análise, verificamos que as questões três e quatro sugerem que o leitor veja a ironia tendo uma funcionalidade, no caso da tira: discordar de um discurso cristalizado. Será que o aluno teria essa resposta, quando ele nem fez as relações entre os discursos? Além disso, ao dizer “pessoas” na quarta pergunta, há uma universalização do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que, infelizmente, as atividades de leitura no material didático analisado ainda não conseguem contemplar uma perspectiva discursiva do estudo da leitura por não propor ao sujeito-leitor transcender o nível da interpretação e caminhar para o nível da compreensão.

Conforme a condução feita na aula, em análise, percebemos que o leitor real (aquele que lê o texto) não pode conseguir fazer o jogo interacional, estabelecendo uma relação de confronto.

Pelas quatro perguntas elaboradas para conduzir a leitura da tira, identificamos que há uma preocupação em evidenciar o que não está dito (implícito), mas esse não dito não é colocado em conflito ao já dito. Ou seja, no ato da enunciação, há um confronto de vozes (explícitas e implícitas). Se o sujeito leitor compreende essas relações, só assim, ele teria condições de construir sentidos e perceber a ironia presente.

Como uma das propostas iniciais da aula era compreender os recursos que provocam efeitos de ironia, as perguntas apresentadas não levam o aluno a perceber os processos para produzi-la.

Outro fator a ser destacado é a apresentação do conceito da ironia, pois ela é confundida como elemento gerador do riso. Isso revela um *déficit* no conceito de ironia, visto como algo engraçado, não crítico.

Também observamos que o Caderno Educacional até poderia ter uma proposta inovadora ao sugerir um estudo na perspectiva dos gêneros. Porém, as tiras utilizadas em cada aula transformaram-se em um estudo prescritivo e reprodutor de documentos oficiais. Será que somente estudar a língua com os gêneros dá condições de efetivar um ensino significativo? Além disso, há um enfoque fragmentado na constituição desse gênero. Por que estudar a ironia em somente uma tira? Será que somente a tira usada na aula 46 possuía ironia?

Pode até parecer óbvio para muitos educadores a utilização de somente alguns gêneros discursivos com eixo gerador de ensino da língua em determinados capítulos como uma forma didática de estudo. Se levarmos em conta, o que Bakhtin (2003, p. 262) postula sobre a riqueza e a infinitude dos gêneros do discurso, não seria tão óbvio assim.

Por isso, é necessário ter um novo olhar para o Caderno Educacional, por ele instaurar, por meio da linguagem, interesses e acima de tudo intervir nas decisões e nas relações na esfera escolar. Ao conduzir essa investigação, poderemos responder a esses questionamentos e obter uma pesquisa suscetível de análise detalhada. Talvez não pudemos ter todas as respostas para nossas perguntas, mas é um estudo que pode trazer uma compreensão desse sistema de controle discursivo do estudo dos gêneros e de um discurso pelo qual os indivíduos vão “aprendendo ideias” e valores.

Portanto, a proposta aqui quer registrar uma mudança de perspectiva teórica para se aproximar de uma perspectiva que concebe o discurso como prática discursiva, ou seja, um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, construídas coletivamente, e que definem as condições de exercício da função enunciativa.

REFERÊNCIAS

MEC/SEB. Ministério da Educação. Secretaria de Educação do Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclo do ensino fundamental de língua portuguesa*. (PCN). Brasília: MEC, 1998.

MEC/SEB. Ministério da Educação. *Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores*. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Unicamp, 1996.

FARACO, Carlos Alberto. *Criação ideológica e dialogismo*. In: _____ *Linguagem & Diálogo – as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p.45-85.

HUTCHEON, L. *Teoria e política da ironia*. Trad. JulioJeha. Belo Horizonte: Editora daUFMG, 2000.

ORLANDI, E. P. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 2012.

SEDUCE. Secretaria de Educação, Cultura e Esporte. *Cadernos educacionais- PDE*. Disponível em : <http://subsecretariauruacu.blogspot.com.br/2013/05/cadernos-educacionais-do-5-e-9-ano-do.html> . Acesso em 02 de maio de 2016.



Submissão: 16 de março de 2016
Avaliações concluídas: 04 de junho de 2016
Aprovação: 03 de agosto de 2016

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

HOLANDA, Janete Abreu. A Constituição da Ironia no Gênero Tira: uma Análise no Caderno Educacional (Dossiê História em Quadrinhos: Criação, Estudos da Linguagem e usos na Educação). *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 16, n. 02, p. 97-108 de 469, número especial, 2016. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >